

Klaus Oliven relembra

Klaus Oliven

This text shows, besides Herbert Caro's many accomplishments in his various activities, also some personal traces of his life. In this way the reader may obtain some insights into the personality of this outstanding intellectual.

Keywords: Herbert Caro; History of exile; Exile in Brazil

Acho que sou a pessoa mais velha que conheceu o Herbert Caro, o pai dele e o meu pai já eram amigos íntimos. Eles frequentaram a mesma turma no colégio, tinham o mesmo círculo de amigos e, ainda por cima, moravam no mesmo edifício na Joachimstalerstrasse 11, em Berlim, o *Kurfürstendamm*, edifício este onde nasci, distante uma quadra de uma das avenidas mais conhecidas de Berlim. A família Caro morava um andar acima da família Oliven.

Assim sendo, naturalmente conheci o Herbert, mas não tínhamos um contato íntimo, porque ele era doze anos mais velho que eu. Enquanto eu era ainda um ginásiano, ele já era advogado formado. Eu sabia que ele era um grande campeão de tênis de mesa, fazendo parte da Seleção Alemã durante cinco anos e sendo vice-presidente da *Federação Alemã de Tênis de Mesa*; tudo até o advento do 3º Reich em 1933. Eu também jogava tênis de mesa, e tínhamos em nosso apartamento uma mesa oficial. Durante anos, em meu período colegial, eu nutri um desejo reprimido de pedir ao Herbert que jogasse, ao menos uma única vez, uma partida comigo lá em casa. Mas nunca tive coragem de pedir a ele, grande campeão, para jogar uma partida comigo, um jogador tão modesto.

Herbert chegou ao Brasil no ano 1935, quatro anos antes da minha chegada. Formado advogado pelas universidades de Berlim e Heidelberg, deixou a Alemanha, logo quando o exercício da advocacia e demais profissões acadêmicas foi proibido aos judeus pelas leis nazistas de 1933. Herbert exilou-se em Dijon, na França, onde frequenta cursos greco-latinos e Letras na universidade local. Seu propósito era tornar-se professor de ginásio nessas matérias, pois já tinha uma formação escolar humanística. Como os pais já não tinham mais a possibilidade de enviar-lhe dinheiro, pois o envio de divisas para o exterior era estritamente proibido no regime nazista, Herbert sustentou-se dando aulas de tênis em Dijon.

Mas depois de algum tempo de estudos na universidade de Dijon, o governo francês promulgou uma nova lei, devido ao grande fluxo de emigrantes judeus, principalmente da Alemanha. A lei determinou que candidatos a funcionário público deviam ter adquirido a nacionalidade francesa há no mínimo dez anos. Diante deste fato Herbert resolve voltar a Berlim com vistas em preparar sua emigração para além-mar. Este passo importante salvou sua vida, pois quando a França foi invadida pelo exército alemão, seis anos mais tarde, em 1940, os imigrantes judeus foram levados pela própria polícia francesa; primeiro para campos de concentração na

Emigrou para Brasil em 1939 com sua família. Filho do famoso escritor Rideamus e autor de diversas publicações sobre a imigração judaica no Brasil. e-mail: k.oliven@uol.com.br

França e, mais tarde, transportados de lá pelos Nazistas para os campos de extermínio na Polônia.

Herbert chega ao Brasil em maio de 1935, longe das turbulências na Europa, e escolhe como residência Porto Alegre, onde já morava um parente seu, bem distante, única pessoa no país que conhecia. Em dezembro do mesmo ano casa com a Dra. Nina Zabłudowski, que conheceu em Berlim pouco tempo antes, e que chegou a Porto Alegre alguns meses depois dele.

Começa então um período difícil na vida de Herbert. Não podendo naturalmente exercer a sua profissão de advogado em sua nova pátria, teve que encontrar outros meios de sustento. Inexperiente em assuntos de comércio, associa-se a uma fábrica de fechaduras para portas com o pouco dinheiro que conseguiu trazer da Europa. A fábrica faliu pouco tempo depois e Herbert perdeu o pouco dinheiro que havia trazido de sua terra natal. Trabalha depois um bom tempo como caixeiro viajante para uma firma que publicava almanaques; coube a ele obter anúncios de propaganda de firmas do interior para o almanaque. As condições de trabalho eram muito difíceis. Herbert, advogado de profissão, intelectual de alto nível, viajando de trem e de ônibus na década de trinta do século passado pelas estradas poeirentas e mal cuidadas do interior, pernoitando em hotéis de péssima qualidade e tentando vender anúncios a quem não estava muito interessado; pois um almanaque não se equivale a uma mercadoria e, os comerciantes, em geral, não estavam particularmente interessados em publicar anúncios em almanaques de circulação restrita. Quando cheguei aqui, em Abril de 1939, Herbert ainda exercia aquela atividade e, apesar de certamente não ter sido fácil para ele, nunca o ouvi se queixar de sua vida.

Nessa longínqua época interligam-se novamente os destinos das famílias Caro e Oliven. Em 1938, depois da assim chamada “Noite de Cristal”, que na verdade foi uma noite de pogrom, a emigração dos judeus da Alemanha e Áustria ficou extremamente difícil, quase impossível, pois nenhum país queria aceitá-los mais. A família Oliven tinha conseguido vistos de turista para o Uruguai, pagando um valor alto, através do cônsul uruguiaio de Frankfurt, em Main. Quando o governo uruguiaio soube que seus cônsules no exterior estavam enriquecendo, invalidaram todos os vistos emitidos pelos mesmos. Fomos muito felizes de conseguir, em março de 1939, vistos brasileiros do cônsul do Brasil em Marselha, Murillo Martins de Souza, que contrariando as instruções secretas do governo Getúlio Vargas em 1938 (entre elas, ade não conceder vistos de qualquer categoria a “pessoas de origem semita”), nos concedeu vistos temporários em março de 1939, sem cobrar nada, simplesmente por motivos humanitários, salvando assim nossas vidas (mais tarde este corajoso cônsul foi demitido pelo governo brasileiro “pelo bem do serviço público”). Desembarcamos em Porto Alegre, porque o Herbert Caro era a única pessoa que conhecíamos no Brasil. Pouco tempo depois chegaram aqui também os pais de Herbert, Ernst e Helene, e assim velhos amigos ficaram reunidos outra vez.

Em 1936, Herbert foi um dos fundadores da SIBRA, *Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beficência*, comunidade religiosa e cultural onde se reuniram os Judeus vindos da Alemanha para praticar sua religião, cultura e tradições. Mais tarde, ele se tornaria presidente desta Sociedade. Herbert não recebeu muitos ensinamentos judaicos em casa, pois seus pais já haviam assimilado a cultura alemã. Seu pai pertencia ao *Verband nationaldeutscher Juden*, a *Associação dos Judeus Nacionalistas Alemães*, fundada em 1921, da extrema direita e anti-sionista, que defendia idéias parecidas às dos Nazistas, com exceção do antisemitismo,

naturalmente. Diante dos terríveis acontecimentos do Holocausto, Herbert identifica-se como Judeu e adquire, por ele próprio, conhecimentos sobre o judaísmo, começando a estudar sua história e cultura. Herbert e Nina sempre foram nossos convidados especiais nas festas de *Pessach* (Páscoa) e *Rosh Hashanah* (Ano Novo Judaico).

Em 1939, Herbert finalmente consegue largar o trabalho penoso de caixeiro viajante, pois é convidado por Henrique Bertaso e Érico Verissimo, da *Editora Globo* de Porto Alegre, a participar da famosa “Sala de Tradutores”, na qual trabalharam, entre outros, Mario Quintana e Leonel Villandro. Esta nova atividade representa um serviço muito mais condizente para um intelectual de alto gabarito como Herbert do que o exercício de atividades comerciais. Ficou trabalhando como tradutor na *Globo* até 1948, quando esta editora fechou por dificuldades econômicas. Herbert assumiu então o Departamento de Livros Importados da *Livraria Americana*, vendendo, por vários anos, com muito amor à causa, habilidade e conhecimento do assunto, os livros certos e apropriados para os seus clientes. Sobre esta atividade publica um livro humorístico muito bem escrito, o *Balcão de Livraria*. No capítulo inicial, “Memórias de um Livreiro”, Herbert chama a profissão de “mais honrosa do que lucrativa”.

Quando, depois de alguns anos, a *Livraria Americana* encerra suas atividades, Herbert passa a trabalhar em casa, como tradutor autônomo, além de escrever artigos e críticas semanais sobre música clássica, arte e literatura, para o jornal *Correio do Povo*. Ele é dono não só de uma vasta biblioteca, como também de uma enorme coleção de discos de música erudita, e faz excelentes traduções de livros de autores famosos como Thomas Mann, Emil Ludwig, Franz Werfel, Elias Canetti, Arthur Schnitzler e Stefan Zweign, entre outros; sendo distinguido pelo prêmio da *Associação Paulista de Críticos de Arte*, além do *Prêmio Nacional de Tradução*, concedido pelo *Instituto Nacional do Livro*.

O trabalho de tradutor de livros também não é muito lucrativo para Herbert, por ele ser muito meticuloso e responsável. Enquanto outros tradutores, menos escrupulosos, passam simplesmente por cima de palavras ou expressões difíceis de traduzir, Herbert luta meticulosamente com cada termo ou palavra mais complicada, consulta dicionários em várias línguas, compara traduções da mesma obra para outros idiomas, telefona para seu colega e amigo Paulo Ronai e outros corifeus (consultando-os sobre a melhor maneira de traduzir para o vernáculo tal ou tal expressão). É fácil de compreender que, sendo a tradução de livros remunerada por página traduzida, e levando em conta que Herbert perdia um bom tempo tentando encontrar a palavra certa, o trabalho pouco lhe rende. Mas sua consciência de tradutor não lhe permite agir de outra maneira, pois ele desempenha este trabalho mais por amor à causa do que sob o ponto de vista de renumeração.

Herbert também dirige a Biblioteca do *Instituto Goethe*, com muita dedicação e conhecimento de causa, por quase duas décadas, e faz ainda conferências neste Instituto e no exterior sobre artistas alemães ou pintores do Brasil Colonial, como o alemão Rugandas e o francês Debre, sobre Aleijadinho e outras personalidades, sempre assistido pela sua esposa Nina, incumbida da apresentação dos respectivos slides.

Por estas atividades Herbert recebe da Alemanha uma das mais altas condecorações, a *Cruz da Ordem de Mérito*, 1ª classe. O governo do Rio Grande do Sul o premia com a *medalha Simões Lopes Neto*. Além disso, torna-se Cidadão Emérito de Porto Alegre e recebe a *Medalha de Porto Alegre*. Também é sócio

benemérito da *Associação Riograndense de Imprensa*. Todas estas distinções são muito bem merecidas, pois Herbert Caro conseguiu magistralmente aproximar e reunir a cultura alemã, na qual ele tinha suas raízes profundas, com a vasta cultura brasileira de sua amada pátria nova.

Herbert Caro, em resumo, foi um intelectual multi-facetado, com um conhecimento enciclopédico e uma cultura universal e humanística que hoje em dia, na era do computador, da Internet e do e-mail, não se encontra com facilidade. Herbert e sua esposa Nina eram amados por todas as pessoas que conheciam, pessoas que sempre lembrarão de suas personalidades extraordinárias.